

James Minchin III/Divulgação

A vontade de voltar falou mais alto

Com nova formação, Linkin Park prepara álbum e anuncia turnê

Por Affonso Nunes

Dona de vários sucessos na primeira década deste século, a banda Linkin Park anuncia nova formação e, de quebra, sua primeira música inédita em sete anos. Batizada como “The Emptiness Machine”, a canção integra o repertório do álbum de inéditas com previsão de lançamento em novembro.

A nova formação do grupo tem os fundadores Mike Shinoda (vocal, guitarra e teclados), Brad Delson (guitarra), David “Phoenix” Farrell (baixo) Joe Hahn (DJ e

programação) e os novos integrantes: Emily Armstrong (ex-Dead Sara) e Colin Brittain (bateria). Renovado, o grupo anuncia a turnê From “Zero World Tour” com shows coinfirmados em Los Angeles, Nova York, Hamburgo, Londres, Seul e Bogotá.

Sem expectativas, Shinoda, Delson, Farrell e Hahn começaram a se reunir discretamente nos últimos anos. A intenção era passar mais tempo juntos e reconectar-se com a criatividade e a camaradagem que sempre estiveram no núcleo de sua amizade desde os tempos de faculdade. Nesse período, convidaram vários músicos para se



O single ‘The Emptiness Machine’, lançado no fim de semana, é a primeira música inédita do Linkin Park em sete anos

juntarem a eles no estúdio. Entre os convidados, encontraram afinidade com Armstrong e Brittain. E foi ao longo dessa fase que o projeto From Zero nasceu.

“Antes do Linkin Park, o nome da nossa primeira banda era Xero. O título deste álbum refere-se tanto a esse início humilde quanto à jornada que estamos atualmente trilhando. Sonoramente e emocionalmente, é sobre o passado, o presente e o futuro, abraçando nosso som característico, mas de uma forma nova e cheia de vida. Foi

feito com um profundo apreço por nossos novos e antigos colegas de banda, nossos amigos, nossa família e nossos fãs. Estamos orgulhosos do que o Linkin Park se tornou ao longo dos anos e empolgados com a jornada à frente”, explica Shinoda.

“The Emptiness Machine” canaliza o DNA da banda, aproveitando a energia explosiva do grupo e mantendo as características de seu som singular, o nu metal (subgênero do heavy metal que incorpora elementos do hip hop). “Quanto mais trabalhávamos com Emily e

Colin, mais apreciávamos seus talentos. Sentimos uma grande força com essa nova formação quais somos conhecidos, mas também explorando novos territórios”.

Formado em 1996, o Linkin Park alcançou fama internacional com o seu álbum de estreia, “Hybrid Theory (2000)”, um dos álbuns mais vendidos de todos os tempos. Seu segundo álbum, “Metemora (2003)”, continuou o sucesso da banda, liderando a parada de álbuns da Billboard 200 em 2003.

CRÍTICA / DISCO / MÃE - TODO ARTISTA TEM

Por Aquiles Rique Reis*

No caso, a dos outros. Cês logo notarão que ele não botou a própria mãe no meio, e sim a mãe dos outros (rs). Mas tudo com muito respeito e com tal sinceridade, bom humor e musicalidade, que nenhuma delas ficará magoada. Eu acho. Bem, hoje vamos de “Mãe – Todo Artista Tem” (Barbearia Espiritual Discos), o novo álbum de Carlos Careqa. Em 14 músicas, ele revela o seu sentimento sobre esse ser tão incensado pela humanidade: a mãe! Eis algumas:

“A Mãe de Bach”: de cara explode a musicalidade sem parti pris de Careqa; fidedigna, ela cativa a letra. Ambas acolhidas pelo cello de Mario Manga: “A mãe de Bach/ Teve oito filhos/ Pra ser feliz/ Elisabetha/ A predileta do caçula/ Era a matriz/ Morreu tão jovem/ Menino Bach/ Foi se virar/ Ele foi pra

escola/ Sem o lanche/ da mamãe.”

“A Mãe de Chopin”: o polonês Frédéric Chopin ressurge na intenção melódica e harmônica de Careqa. Sua mãe (de Chopin, não de Careqa) deve estar comovida. Acho. O piano de Tiago Costa faz as honras da casa.

“A Mãe de Mozart”: o tributo a Dona Maria Anna, mãe do compositor austríaco Wolfgang A. Mozart, tem guitarra, baixo e cello de Mario Manga. Mozart está ali vivinho da silva.

“A Mãe de Noel Rosa”: para homenagear Dona Marta de Medeiros Rosa, Careqa e Manga vieram com tudo: violão, percussão, baixo e bandolim. Careqa canta com a

Carlos Careqa botou a mãe no meio

Divulgação



voz poética que a sua mãe lhe deu.

“A Mãe de Pixinguinha”: o choro vem doce. O teclado preparado de Manga, mais seus violão de sete cordas, percussão, baixo e bandolim, dão a Careqa o jeito acabado de demonstrar o apreço que tem pelo filho de Dona Raimunda.

“A Mãe de Tom Jobim”: permitam-me acreditar que, a exemplo da mãe de Chopin, Dona Nilza Brasileiro de Almeida se emocionou quando ouviu referências às notas que seu filho dedilhava ao piano. Com Ná Ozzetti embalada por vibrafone, guitarra, baixo e batera a cargo de Manga, o maestro soberano renasceu.

“A Mãe de Villa-Lobos”: o tributo vem incrementado pelo violão de Camilo Carrara e pelo cello de Mario Manga. A composição de Careqa traz na letra a síntese do sonho: “(...) mãe do Villa/ Vida que doeu/ Mãe Noêmia/ Villa que cresceu/ A vida de Noêmia/ A mãe de Villa-Lobos/ Dorme filhinho/

Do meu coração”.

“A Mãe de Kurt Weill”: Como em outras faixas, nota-se aqui que Careqa traz à luz traços marcantes do estilo do compositor citado. A mãe deste alemão (o Weill, não o Careqa) pode sentir-se brindada por alguém que, sim, conhece o seu filho! O arranjo tem formação inusitada: tuba, bandolim e batera.

“A Mãe de Stravinski”: Careqa canta para Anna, mãe do compositor russo. Apoiado por piano, cello, fagote e oboé, Careqa tem a sabedoria de estabelecer contato imediato com o enredamento da música de Igor Stravinski.

“A Mãe de Beethoven” fecha a tampa de um álbum criado para demolir convenções, vocação primeira de Carlos Careqa – o artista que ousa profanar o usual. Ouça o álbum em www.tratore ffm.to/maetodo

*Vocalista do MPB4 e escritor